



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOÃO LUCAS DE SOUSA DOS SANTOS

**FATORES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TERESINA-PI

2025

JOÃO LUCAS DE SOUSA DOS SANTOS

**FATORES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso – Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
apresentado como requisito parcial à obtenção do
grau de licenciado(a) em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Me. Dalva De Oliveira Lima
Braga

TERESINA-PI

2025

JOÃO LUCAS DE SOUSA DOS SANTOS

**FATORES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí –
UESPI, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado(a) em Pedagogia.

Teresina, 15 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me Dalva De Oliveira Lima Braga
Orientadora (UESPI)

Prof. Dra. Maria Goreti da Silva Sousa (UESPI)
Examinadora

Profa. Ma. Osmarina Oliveira da Silva Pires (UESPI)
Examinadora

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha esposa, Daniela, por sempre acreditar no meu sucesso e motivar a realização dos meus sonhos; aos meus pais, Edison e Marcília; e à minha avó, Alaíde, pelo apoio e incentivo constantes ao longo da minha trajetória!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de sabedoria, força e perseverança, por me capacitar a superar os desafios ao longo desta jornada acadêmica e me guiar até este momento tão significativo em minha formação.

Manifesto minha profunda gratidão à Universidade Estadual do Piauí (UESPI), que, por meio das bolsas concedidas, tornou possível a continuidade dos meus estudos e reafirmou minha determinação em concluir o curso de Pedagogia. Agradeço, de forma especial, à minha mãe, Marcília Gregório de Sousa, e à minha esposa, Daniela Araújo, pelo apoio incondicional, pelo incentivo constante e por acreditarem em mim mesmo nos momentos mais difíceis.

Expresso também meu sincero reconhecimento a todos os professores do curso de Licenciatura em Pedagogia, cuja dedicação, paciência e ensinamentos foram essenciais para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Em especial, sou grato à professora Me. Dalva de Oliveira Lima Braga, pela orientação valiosa e comprometida ao longo da construção desta monografia, e à professora Dra. Valdirene Gomes de Sousa, pelo auxílio prestativo e por estar sempre pronta para sanar dúvidas e oferecer apoio nos momentos mais desafiadores.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso, com quem compartilhei aprendizados, desafios e momentos de descontração e alegria, tornando essa trajetória mais rica e leve. A todos, deixo meu mais sincero obrigado!

*É impossível ensinar sem a coragem de amar,
sem a coragem de tentar mil vezes antes de
desistir.*

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar os fatores e desafios que permeiam o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco nas perspectivas pedagógicas e nas implicações para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, combinando revisão de literatura e aplicação de questionário. Fundamentou-se em teóricos como Soares (2001, 2004, 2020), Ferreiro (1988), Ferreiro e Teberosky (1989, 1999), Moraes (1997, 2012), Freire (1989) e Cagliari (1999, 2009). A análise dos dados identificou fatores que impactam o processo de alfabetização, destacando-se as desigualdades sociais e a falta de formação continuada dos docentes. Entre os desafios, constatou-se que a heterogeneidade das turmas, a escassez de recursos didáticos, o desengajamento familiar, a indisciplina e a falta de motivação das crianças são entraves ao processo de ensino e aprendizagem. Evidenciou-se, ainda, a importância da colaboração entre escola, família e comunidade. A pesquisa indicou que a superação desses desafios requer a integração de esforços entre docentes, gestores e famílias, além da implementação de políticas públicas voltadas à capacitação docente e à adoção de estratégias pedagógicas mais inclusivas e diversificadas. Os resultados apontam para a relevância de uma alfabetização contextualizada, que valorize os ritmos e interesses dos estudantes, proporcionando um aprendizado significativo.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, anos iniciais, desafios educacionais, formação docente.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the factors and challenges involved in the literacy process in the early years of elementary education, focusing on pedagogical perspectives and their implications for the development of reading and writing skills. The research was conducted using a qualitative approach, combining a literature review and the application of a questionnaire. It was based on theorists such as Soares (2001, 2004, 2020), Ferreiro (1988), Ferreiro and Teberosky (1989, 1999), Morais (1997, 2012), Freire (1989), and Cagliari (1999,2009). Data analysis identified several factors impacting the literacy process, particularly social inequalities and the lack of ongoing teacher training. Among the challenges identified were class heterogeneity, the scarcity of teaching resources, lack of family engagement, indiscipline, and lack of student motivation, which hinder the teaching-learning process. Furthermore, the study highlighted the importance of collaboration between school, family, and community. The research indicated that overcoming these challenges requires the integration of efforts among teachers, administrators, and families, as well as the implementation of public policies focused on teacher training and the adoption of more inclusive and diversified pedagogical strategies. The results emphasize the relevance of a contextualized literacy process that values students' rhythms and interests, providing meaningful learning experiences.

Keywords: Literacy. Reading and Writing. Early Years. Educational Challenges. Teacher Training.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

SEA– Sistema De Escrita Alfabética

PRP- Programa de Residência Pedagógica

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 - Representação do estágio pré-silábico na psicogênese da língua escrita..... | 21 |
| Figura 2 - Representação do estágio silábico na psicogênese da língua escrita..... | 21 |
| Figura 3 - Representação do estágio silábico-alfabético na psicogênese da língua escrita..... | 22 |
| Figura 4 - Representação do estágio alfabético na psicogênese da língua escrita..... | 23 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 13 |
| 2.1 Caracterização da pesquisa..... | 13 |
| 2.2 Procedimentos para a coleta de dados..... | 14 |
| 2.3 Caracterização do campo da pesquisa..... | 14 |
| 2.4 Interlocutores da pesquisa..... | 15 |
| 2.5 Procedimentos para a análise dos dados..... | 15 |
| 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO: PROCESSOS COGNITIVOS E PERSPECTIVAS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA..... | 16 |
| 3.1 Alfabetização e letramento: conceitos e distinções fundamentais..... | 16 |
| 3.2 A importância da alfabetização nos anos iniciais..... | 18 |
| 3.3 A psicogênese da língua escrita e a consciência fonológica..... | 20 |
| 4 DESVENDANDO OS FATORES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO: PERSPECTIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL..... | 27 |
| 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS..... | 35 |
| 5.1 Práticas pedagógicas no processo de alfabetização..... | 35 |
| 5.2 Fatores influenciadores no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita..... | 38 |
| 5.3 Desafios no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental..... | 41 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 46 |

1 INTRODUÇÃO

No Ensino Fundamental brasileiro, a alfabetização representa um marco essencial no desenvolvimento educacional e social das crianças, configurando-se como um processo indispensável para a formação de sujeitos críticos e participativos na sociedade. De acordo com Soares (2020), a alfabetização não se limita ao ensino das regras e convenções do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), mas engloba também o desenvolvimento de habilidades que capacitam o indivíduo a utilizar a leitura e a escrita em diferentes práticas sociais.

Nesse contexto, o professor desempenha um papel central como mediador no processo de ensino-aprendizagem, sendo responsável por planejar e implementar estratégias pedagógicas que facilitem a compreensão e o domínio do SEA. Segundo Moraes (2012), essa mediação não deve se restringir ao ensino técnico da decodificação, mas deve promover reflexões e práticas que integrem a leitura e a escrita ao cotidiano dos estudantes, tornando-as significativas e úteis. Atividades que estimulam o uso prático da escrita em situações reais de comunicação ampliam o repertório dos alunos e contribuem para o desenvolvimento de sua autonomia.

A escolha do presente tema decorreu do interesse despertado durante a formação acadêmica em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), especialmente na disciplina de Alfabetização, ministrada pela Professora Mestre Dalva de Oliveira Lima Braga. Tal disciplina instigou reflexões sobre o processo de alfabetização e a aquisição da leitura e da escrita, levando à análise mais aprofundada das nuances e complexidades envolvidas nesse processo, essencial para a formação de indivíduos críticos e letrados.

O conhecimento teórico adquirido ao longo do curso foi articulado às vivências práticas observadas nos estágios curriculares e extracurriculares realizados entre 2021 e 2024. Essas experiências proporcionaram uma visão mais detalhada da realidade das salas de aula e dos desafios enfrentados por alunos e professores no processo de alfabetização. Durante os estágios, foi possível observar diferentes metodologias e práticas pedagógicas, ampliando a compreensão sobre as abordagens que podem ser empregadas para facilitar o aprendizado dos estudantes.

Dentre as experiências mais marcantes, destaca-se a participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP), no qual o trabalho foi desenvolvido durante quatro meses sob a orientação da referida professora. Nesse período, os conhecimentos teóricos adquiridos no curso foram aplicados na elaboração e execução de atividades voltadas para a alfabetização de maneira lúdica e significativa. A convivência com os alunos, assim como a análise de suas

interações e progressos no processo de leitura e escrita, revelou a importância de práticas pedagógicas que considerem as particularidades de cada estudante.

Durante os estágios extracurriculares realizados em escolas da cidade de Teresina, Piauí, foi constatado que muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental não apresentavam o nível de leitura e escrita esperado para sua etapa de escolaridade. Em atividades de interpretação textual, foi identificado que alunos do 3º ano não possuíam habilidades básicas de leitura e escrita, enquanto estudantes do 4º e 5º ano apresentavam uma escrita de nível pré-silábico, evidenciando dificuldades na compreensão do SEA. Foi observado, ainda, que muitas dessas crianças careciam de habilidades de consciência fonológica, essenciais para compreender a relação entre grafemas e fonemas, e algumas do 2º ano tinham dificuldades até mesmo em segurar o lápis de maneira adequada para escrever.

Relatos de gestores, pedagogos e professores reforçaram a percepção de que uma série de fatores e desafios comprometem o aprendizado dos alunos. Tais relatos destacaram não apenas a complexidade do processo de alfabetização, mas também a interconexão entre diversos aspectos que influenciam o desempenho acadêmico. Essas percepções fornecem uma visão abrangente dos obstáculos enfrentados pelos estudantes no processo de alfabetização e ressaltam a importância de estratégias pedagógicas que considerem as especificidades de cada contexto educacional.

A diversidade de experiências e contextos apresentados pelos educadores evidencia que a alfabetização não é um processo linear, mas sim um fenômeno que ocorre de diferentes faces, afetado por uma série de variáveis que vão além do ambiente escolar. A compreensão desses elementos é essencial para uma análise crítica da realidade educacional, pois permite identificar áreas que necessitam de atenção e intervenção. A relevância deste estudo se dá pela importância de compreender os fatores e desafios que permeiam o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Identificar e analisar essas questões ajuda a esclarecer como contextos sociais, econômicos, culturais e pedagógicos influenciam diretamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Diante dos pontos destacados sobre a alfabetização na capital do Piauí, surge o problema de pesquisa que norteia este trabalho: Quais fatores e desafios permeiam o processo de alfabetização e influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral: **Analisar, no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, fatores e desafios que permeiam o processo de**

alfabetização e influenciam no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Para tanto, delineamos os seguintes objetivos específicos: apontar elementos relacionados ao processo de aquisição de leitura e escrita, identificando fatores que influenciam no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e apontar na perspectiva docente desafios presentes no processo de desenvolvimento da leitura e escrita nos anos iniciais.

A pesquisa foi fundamentada em teóricos, tais como: Soares (2001;2004 e 2020), Ferreiro (1988), Ferreiro e Teberosky (1989;1999), Moraes (1997;2012), Freire (1989) e Cagliari (2009). Além disso, este trabalho consistiu numa pesquisa qualitativa, exploratória e trabalho de campo, dos quais foram utilizadas como técnicas para coleta de dados: a observação e questionário, ambos foram aplicados com os interlocutores da pesquisa: os docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Teresina.

Nosso trabalho está dividido em cinco capítulos: no primeiro capítulo apresentamos a introdução, no segundo capítulo destacamos os procedimentos metodológicos, e posteriormente, temos o terceiro capítulo que trata do nosso referencial teórico que tem como título: "Fundamentos Teóricos da Alfabetização: Processos Cognitivos e Perspectivas na Aquisição da Leitura e da Escrita" que serviu como base para o próximo capítulo, o quarto, no qual chamamos de: "Desvendando os Fatores e Desafios da Alfabetização: Perspectivas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tais capítulos foram alicerces para o nosso quinto capítulo, no qual está inserido como análise e discussão dos dados coletados juntos aos interlocutores de nossa pesquisa, que nos levaram a seção seguinte, ou seja, as nossas considerações finais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os caminhos metodológicos traçados para a condução desta pesquisa, descrevendo o tipo de abordagem adotada, a caracterização da pesquisa, os participantes envolvidos, bem como os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados. Além disso, são referenciados os autores que fundamentam as escolhas metodológicas, oferecendo uma base teórica sólida para as decisões tomadas ao longo do estudo.

2.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, uma vez que busca compreender de maneira aprofundada os fatores e desafios que permeiam o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" elementos esses que não podem ser reduzidos a variáveis simples e mensuráveis, mas que requerem uma análise interpretativa e contextual.

Essa abordagem qualitativa se justifica pela complexidade do processo de alfabetização, que envolve não apenas a aquisição de habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também a interação entre fatores sociais, emocionais e pedagógicos. Gil (2008) destaca que "a pesquisa descritiva visa descrever as características de um determinado fenômeno ou população, sem a preocupação de estabelecer relações de causa e efeito". A pesquisa, portanto, é classificada como descritiva e exploratória. A característica descritiva está relacionada à intenção de mapear e caracterizar os fatores que influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita entre os alunos.

Além disso, a pesquisa é exploratória, pois busca compreender um fenômeno que ainda carece de uma investigação mais aprofundada, contribuindo para a geração de novos conhecimentos e hipóteses. Ludke e André (1986) afirmam que a pesquisa exploratória é realizada com o intuito de proporcionar uma maior familiaridade com o problema, levando a uma melhor formulação de hipótese. Essa abordagem é fundamental para o entendimento dos desafios enfrentados por alunos e educadores, permitindo um olhar mais atento às nuances do processo de alfabetização.

2.2 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa será realizada por meio de questionários aplicados aos professores da escola participante. Segundo Gil (2008), os questionários são ferramentas indispensáveis em pesquisas sociais, permitindo a sistematização e organização das informações coletadas. Nesse contexto, eles serão utilizados para explorar as práticas pedagógicas dos docentes, os desafios enfrentados no processo de alfabetização e os fatores que, segundo suas percepções, influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

2.3 Caracterização do campo da pesquisa

Este estudo foi realizado com professores de uma escola da rede municipal de Teresina, localizada na zona norte da capital. A escolha dessa instituição decorreu da experiência do pesquisador como estagiário, o que despertou a curiosidade em compreender os fatores e desafios da alfabetização enfrentado nessa escola situada na periferia da cidade. A instituição atende aluno nos turnos matutino e vespertino, proporcionando acesso à educação em diferentes horários. Os estudantes que frequentam essa escola pertencem a um perfil socioeconômico de classe baixa, com idades variando entre sete e onze anos. A maioria reside no próprio bairro ou nas áreas circunvizinhas.

Denominamos a escola de “escola S”, da qual é constituída por uma equipe pedagógica de dezessete professores efetivos, três substitutos, uma pedagoga, um diretor, um diretor adjunto, secretarias, merendeiras, zeladores e agentes de portaria. Possui 780 alunos, destes, 430 estudam no turno da manhã e 350 no turno da tarde.

2.4 Interlocutores da pesquisa

A pesquisa contou com a colaboração de quatro professoras, todas licenciadas em Pedagogia e com mais de sete anos de atuação na rede municipal de Teresina. A escolha desses interlocutores foi orientada pelo objeto de estudo, já que o foco recai sobre os fatores e desafios nos anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, etapas cruciais para o processo de alfabetização. Assim, as professoras selecionadas trabalham diretamente com as

turmas que compõem o público-alvo desta investigação, proporcionando uma visão prática e fundamentada sobre os fatores e desafios envolvidos na alfabetização.

2.5 Procedimentos para a análise dos dados

Quanto aos procedimentos para análise dos dados, optamos, para organizá-los em categorias a partir de aspectos importantes abordados pelos sujeitos, em relação aos fatores e desafios na alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois segundo o que diz Bardin (2016,p 118) sobre categorização: “A categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o inventário: isolar os elementos; a classificação: repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens.”

Para Bardin (1979) as categorias consistem em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos.” Quanto a isso, destacamos que é com base nas inferências colocadas pelas interlocutoras desta pesquisa que foram elaboradas as categorias de análises deste estudo, levando em consideração que a técnica utilizada segue o delineamento da: categorização, inferência, descrição e interpretação.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO: PROCESSOS COGNITIVOS E PERSPECTIVAS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.

Neste capítulo, abordaremos os fundamentos teóricos que sustentam o processo de alfabetização, buscando compreender os aspectos cognitivos e as perspectivas pedagógicas que envolvem a aquisição da leitura e da escrita. Inicialmente, discutiremos os conceitos de alfabetização e letramento, destacando suas definições, distinções e inter-relações no contexto educacional contemporâneo. Em seguida, exploraremos temas essenciais como a psicogênese da língua escrita e a consciência fonológica, analisando suas contribuições para o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 Alfabetização e Letramento: Conceitos e Distinções Fundamentais

A compreensão sobre alfabetização e letramento é essencial para entender o processo de ensino e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Embora esses conceitos estejam interligados, apresentam distinções importantes no campo educacional, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para uma prática pedagógica eficaz, é essencial que os educadores compreendam e integrem essas abordagens.

No Dicionário Aurélio, a alfabetização é descrita como o "processo de ensino pelo qual se transmite o conhecimento da leitura e da escrita a pessoas que não os possuem". Soares (2001) complementa essa definição ao caracterizar a alfabetização como o processo de aprender um código alfabético, destacando a aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita como um domínio técnico. Nesse contexto, o foco está no aprendizado das letras e palavras como uma etapa inicial da escolarização formal, onde o aluno domina um conjunto específico de regras e símbolos.

Soares (2001), ainda enfatiza que, a alfabetização está intrinsecamente ligada ao ensino formal e à aquisição de habilidades específicas de decodificação. Esse aprendizado é visto como essencial, pois oferece a base para que o aluno comece a explorar o universo da leitura e da escrita, habilidades que se ampliam com o desenvolvimento do letramento, onde a prática da leitura e da escrita é aplicada em contextos sociais mais amplos e significativos.

Morais e Albuquerque (2007, p. 15) definem alfabetização como o “processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, ou seja, o conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessários para a prática de leitura e escrita: as habilidades de codificação de

fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, ou seja, o domínio do sistema de escrita alfabético ortográfico”.

De acordo com Andrade (2011, p. 32), “a alfabetização é um instrumento de transformação e mudança, operando poder em todas as esferas”. Essa perspectiva enfatiza que a alfabetização não é apenas um fim em si mesma, mas um meio pelo qual os indivíduos podem acessar e interpretar o conhecimento, participar ativamente da vida social e política e exercer sua cidadania. A capacidade de ler e escrever permite que as pessoas compreendam melhor o mundo ao seu redor, questionem a realidade e busquem melhorias em suas vidas e comunidades.

Além disso, ao considerar a alfabetização como um poder, Andrade (2011) sugere que ela pode promover uma mudança estrutural na sociedade. Isso implica que a alfabetização está intrinsecamente ligada à desigualdade social, e que, ao capacitar os indivíduos com habilidades críticas, pode contribuir para a redução dessas desigualdades. A alfabetização, portanto, se torna uma prática transformadora que empodera os indivíduos e os torna mais conscientes de seus direitos e deveres.

Dando continuidade à compreensão das habilidades de leitura e escrita, abordaremos o conceito de letramento. O letramento surgiu como uma ampliação do entendimento sobre alfabetização, trazendo uma perspectiva social para o uso da leitura e escrita. Diferente da alfabetização, que se concentra no aprendizado das habilidades técnicas do código escrito, o letramento aborda o papel da leitura e da escrita nas práticas culturais e nas interações sociais. Trata-se de uma competência que envolve saber ler e escrever de forma funcional e significativa, compreendendo a utilidade desses conhecimentos nos diversos contextos sociais em que o indivíduo está inserido. Segundo Soares (2004): Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever, de ter adquirido a habilidade de ler e escrever, mas, sobretudo, de fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita nas práticas sociais que demandam essa habilidade" (Soares, 2004, p. 14).

Ele está relacionado ao desenvolvimento de habilidades que permitem ao aluno não apenas entender e interpretar textos, mas também aplicá-los para resolver problemas e agir no mundo. A professora e pesquisadora Maria Teresa Esteban (2000) reforça essa ideia, destacando que "o letramento está ligado à compreensão do uso da linguagem escrita em diferentes contextos, sendo fundamental para a formação de um cidadão crítico, capaz de interagir com as informações de maneira consciente e reflexiva" (Esteban, 2000, p. 31).

Além disso, o letramento envolve a inserção do indivíduo em práticas sociais mais amplas que demandam habilidades de leitura e escrita, como participar de debates, compreender documentos formais, interagir nas mídias sociais e interpretar notícias, por exemplo. Em essência, um aluno letrado não só é capaz de acessar e compreender informações, mas também de utilizá-las de forma crítica e eficaz, aplicando seus conhecimentos de leitura e escrita em diversas situações do cotidiano que exigem reflexão, análise e resolução de problemas.

Segundo Soares (2001), a alfabetização refere-se ao processo em que o aluno aprende as habilidades básicas de leitura e escrita, enquanto o letramento vai além, envolvendo a aplicação dessas habilidades em práticas sociais e culturais, com uma abordagem crítica e reflexiva. Assim, o letramento capacita o indivíduo a usar a leitura e a escrita de maneira funcional e consciente, adaptando-se aos diferentes contextos da vida cotidiana. Portanto, pode-se concluir que, enquanto a alfabetização se concentra no aprendizado das habilidades básicas de leitura e escrita, o letramento envolve a aplicação dessas habilidades de maneira crítica e funcional, inserindo o aluno em práticas de leitura e escrita que o capacitam a agir de forma reflexiva e consciente em diversos contextos sociais.

3.2 A Importância da Alfabetização nos Anos Iniciais

A alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental desempenha um papel muito importante no desenvolvimento educacional da criança. Esse período é decisivo não apenas para a aquisição das habilidades de leitura e escrita, mas também para o aprendizado em diversas disciplinas ao longo da vida escolar. O acesso à alfabetização é reconhecido como um direito essencial, cuja efetividade está intrinsecamente ligada ao sucesso acadêmico e à formação de cidadãos críticos e conscientes. Como afirma Freire (1989): A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (Freire, 1989, p. 11)

Ela não se limita à aquisição de habilidades mecânicas de leitura e escrita; ela é um processo complexo que envolve a formação integral do aluno. Essa fase escolar é marcada por descobertas e aprendizagens que influenciam diretamente a autoconfiança e a autoestima da criança. Ao dominar a leitura e a escrita, os alunos se tornam capazes de acessar informações e expressar seus pensamentos, promovendo sua autonomia e capacidade crítica. Como destaca Soares (2004, p. 45), a alfabetização é um processo que envolve a construção de sentidos e

significados, no qual a criança se torna sujeito da sua própria aprendizagem, desenvolvendo sua autonomia e criticidade.

Além disso, um processo de alfabetização eficaz é um pré-requisito fundamental para o aprendizado em diversas disciplinas. A habilidade de compreender textos é crucial não apenas na língua portuguesa, mas também em matemática, ciências e história. Quando a criança desenvolve a capacidade de ler e interpretar problemas matemáticos ou textos nas disciplinas de ciências e história, ela não apenas acessa informações, mas também constrói significados que enriquecem seu entendimento. Essa competência permite que o aluno estabeleça conexões entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo um desempenho acadêmico mais coeso e integrado. Assim enfatiza a BNCC:

O desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e escrita está diretamente relacionado ao processo de aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, sendo essencial para a formação de indivíduos capazes de se posicionar no mundo” (Brasil, 2017, BNCC).

A eficácia do processo de alfabetização está intimamente ligada ao ambiente escolar e às práticas pedagógicas utilizadas. Um ensino que reconhece e valoriza a diversidade, além de considerar as experiências prévias dos alunos e respeitar seus diferentes ritmos de aprendizagem, tende a ser mais eficaz. Como destaca Soares (2004), é crucial que as práticas pedagógicas sejam contextualizadas, tratando a alfabetização como um processo contínuo, no qual a leitura e a escrita são constantemente incentivadas.

Portanto, a alfabetização nos anos iniciais deve ser vista não apenas como um objetivo a ser atingido, mas como um direito que deve ser assegurado a todas as crianças. A formação de cidadãos críticos e conscientes depende da qualidade desse processo, o qual deve ser apoiado por políticas educacionais que valorizem a formação contínua dos docentes e ofereçam recursos adequados. Conforme ressaltado por Freire (1989), a educação deve ser um ato de liberdade e transformação, e, ao garantirmos uma alfabetização eficaz, estamos não apenas investindo no futuro dos nossos alunos, mas também na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

3.3 A Psicogênese da Língua Escrita e a Consciência Fonológica

A Psicogênese da Língua Escrita é uma teoria elaborada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, fundamentada nas ideias construtivistas de Jean Piaget. Essa abordagem investiga

como as crianças desenvolvem, de forma gradual, sua compreensão sobre o sistema de escrita. Ao contrário dos métodos tradicionais, que enfatizam o ensino mecânico e repetitivo, a psicogênese defende que o aprendizado da escrita é um processo ativo e dinâmico. A criança, nesse contexto, constrói significados a partir da interação com o objeto de conhecimento. Como destacam as autoras, a escrita não é uma mera reprodução da fala, mas uma construção que reflete a lógica particular da criança (Ferreiro e Teberosky, 1999).

Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1989) tiveram como principal objetivo compreender o processo de construção da língua escrita pelas crianças. A pesquisa se concentrou em identificar os processos cognitivos subjacentes à aquisição da escrita, investigar as hipóteses formuladas pelas crianças e explorar os conhecimentos prévios que elas trazem ao ingressar no ambiente escolar (Ferreiro; Teberosky, 1989).

No entanto, as investigações das autoras não se limitaram apenas à evolução da escrita infantil. Elas ampliaram a discussão para abordar aspectos como as características formais necessárias para que um texto seja lido, as relações entre números e letras, a função dos sinais de pontuação, a orientação espacial da escrita e a leitura de textos acompanhados ou não de imagens. Para cada um desses aspectos, as autoras utilizaram métodos específicos, sempre fundamentados nas diretrizes do método clínico.

Ainda de acordo com Ferreiro e Teberosky (1989, p. 11), a teoria da psicogênese da língua escrita propõe um desvio significativo nas práticas tradicionais de ensino, que frequentemente se concentram no professor como figura central do processo. Em contrapartida, essa abordagem desloca o foco para a criança e sua interação com o objeto de conhecimento, neste caso, a escrita e a leitura. Nesse contexto, a criança constrói, a partir de suas próprias experiências e hipóteses, uma compreensão do que a escrita representa. Durante esse processo, ela supera continuamente conflitos cognitivos, formulando e reformulando suas ideias à medida que avança.

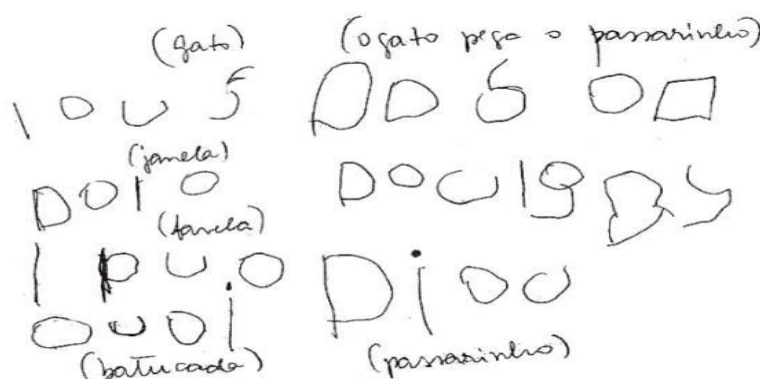
Os estágios de desenvolvimento da escrita, também conhecidos como níveis de conceitualização, são descritos como: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Cada um desses níveis reflete um processo de estruturação e reestruturação das ideias da criança sobre a língua escrita, demonstrando como ela progride em sua compreensão sobre a relação entre a fala e a escrita.

I- Pré-Silábico - A criança ainda não compreende que a escrita reflete os sons da fala. Nesse estágio, a escrita é percebida mais como um jogo de símbolos ou marcas gráficas, sem qualquer

relação direta com a linguagem falada. Como observado por Ferreiro e Teberosky (1986, p. 60), "a criança utiliza símbolos ou marcas gráficas que não têm qualquer correspondência com os sons das palavras, mas que, para ela, representam o ato de escrever". Assim, é comum que a criança escreva sequências de letras ou números sem conexão fonética com as palavras que tenta expressar. Este período inicial é marcado pela exploração simbólica, na qual a criança ainda não reconhece que cada letra ou conjunto de letras possui um valor sonoro específico.

Para ilustrar o estágio pré-silábico, a Figura 1 será inserida a seguir. Nela, é possível observar como a criança, nesse estágio, utiliza marcas gráficas ou letras sem estabelecer uma correspondência fonética com os sons das palavras. Essa representação visual ajuda a entender como a escrita, nessa fase inicial, é mais uma exploração simbólica do que uma reprodução precisa da fala.

Figura 1: Estágio pré-silábico – Representação simbólica da escrita pelas crianças



Fonte: Escola Educação (2019).

II - Silábico - Essa fase marca um progresso significativo no desenvolvimento da escrita, pois a criança começa a perceber que a escrita representa os sons da fala, embora de forma ainda imprecisa e não sistemática. Conforme destacado por Ferreiro e Teberosky (1986, p. 61), "a criança passa a utilizar uma letra para representar uma sílaba inteira, sem uma correspondência fonética exata". Assim, é comum que as crianças escrevam de forma silábica, empregando uma letra para representar sons ou grupos de sons, experimentando com a escrita de maneira mais organizada, mas ainda sem domínio completo dos fonemas.

Figura 2: Estágio silábico – Representação das primeiras tentativas de correspondência entre sons e letras.



Fonte: Escola Educação (2019).

A transição para esse estágio é marcada pela compreensão da estrutura fonológica das palavras, e a criança se encontra em um processo contínuo de experimentação e construção de suas hipóteses sobre como a escrita deve funcionar. Assim, o estágio silábico não é o fim do desenvolvimento, mas um passo importante para a construção de uma escrita mais precisa, que se aproxima da correspondência fonética completa observada no nível silábico-alfabético.

III- Silábico-Alfabético - marca uma transição importante no desenvolvimento da criança em relação à compreensão do sistema de escrita. Nesse estágio, a criança já começa a associar as letras de forma mais precisa aos fonemas das palavras, combinando elementos do nível silábico com a lógica alfabética. Ou seja, ela utiliza uma letra para representar não apenas a sílaba, mas também os fonemas individuais que a compõem.

No nível silábico-alfabético, a criança já consegue entender que a escrita deve refletir a sonoridade das palavras de maneira mais fiel. Por exemplo, ao escrever "cachorro", ela pode usar a sequência "ka-xo-ro", representando melhor a correspondência entre as letras e os sons da palavra. A Figura 3 ilustra as tentativas de correspondência fonética no nível silábico-alfabético, mostrando como as crianças começam a representar os sons de maneira mais estruturada e próxima do que seria uma escrita convencional.

Figura 3: Estágio silábico-alfabético – Representação das tentativas de correspondência fonética com maior precisão.



Fonte: Escola Educação. (2019).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1989), nesse nível, a criança começa a perceber que a escrita não é apenas uma representação simbólica das palavras, mas uma estrutura fonológica que deve ser organizada segundo as convenções do sistema alfabético. Ela, ao atingir o nível silábico-alfabético, já apresenta maior domínio das regras fonológicas e ortográficas, embora o processo de aprendizagem ainda esteja em andamento.

IV- Nível Alfabético - é o estágio final na psicogênese da língua escrita, em que a criança já compreende totalmente a correspondência entre os fonemas (sons da fala) e os grafemas (letras) do sistema alfabético. Nesse nível, a escrita se aproxima do modelo convencional, pois a criança passa a usar uma letra para cada fonema que compõe as palavras, respeitando as regras ortográficas de maneira mais consistente. A Figura 4 ilustra a representação da escrita no nível alfabético, mostrando como as crianças já começam a utilizar as letras de forma mais precisa para representar os fonemas, com uma correspondência mais fiel entre sons e grafemas.

Figura 4: Estágio alfabético – Representação da correspondência precisa entre fonemas e grafemas.



Fonte: Escola Educação (2019).

Neste estágio, a criança é capaz de escrever com mais precisão, utilizando todas as letras necessárias para representar os sons das palavras. Por exemplo, ao escrever "cavalo", ela pode escrever a palavra corretamente, sem omissões ou trocas de letras, pois já entende a relação entre os fonemas e os grafemas. Contudo, mesmo no nível alfabético, erros de ortografia podem ocorrer, mas a criança já demonstra maior controle sobre as regras da língua escrita.

O nível alfabético é o último estágio da psicogênese da escrita, e, ao alcançá-lo, a criança está pronta para continuar o aprendizado, focando no desenvolvimento da fluência e na correção de erros ortográficos mais avançados.

Para Moraes (1997, p. 15), a consciência fonológica é uma habilidade metalinguística essencial para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Trata-se da capacidade de identificar, refletir e manipular os sons que compõem as palavras faladas, como sílabas, rimas e fonemas. Essa competência permite à criança perceber que a fala é composta por unidades menores, o que facilita a compreensão da relação entre os sons (fonemas) e as letras (grafemas) no processo de alfabetização. De acordo com Moraes (1997, p. 15), "a consciência fonológica é uma habilidade metalinguística fundamental, que possibilita à criança reconhecer, refletir e manipular os sons que compõem a fala". Essa competência é indispensável para compreender a relação entre fonemas e grafemas, promovendo o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A importância da consciência fonológica no aprendizado da leitura e escrita é amplamente reconhecida. Estudos indicam que essa habilidade é um forte preditor do sucesso na alfabetização, pois ajuda a criança a decodificar palavras, reconhecer padrões sonoros e

estabelecer conexões entre a oralidade e a escrita. Como destaca Moraes (1997, p. 16), "a consciência fonológica desempenha um papel central no aprendizado do sistema alfabético, pois permite ao aprendiz compreender que as palavras escritas representam uma sequência de sons da fala".

Ela desenvolve-se de maneira gradual, progredindo de habilidades mais simples para as mais complexas. Esse processo pode ser descrito em diferentes níveis, cada um representando uma etapa importante no domínio das relações entre sons e a linguagem oral. De acordo com Cagliari (1999, p. 45), "o desenvolvimento da consciência fonológica é um processo contínuo que auxilia a criança na percepção das estruturas sonoras da língua, base essencial para a alfabetização".

Conforme Cagliari (1999, p. 52), no nível da consciência de palavras, a criança percebe que uma frase é composta por unidades menores, ou seja, palavras distintas. Por exemplo, ao ouvir a frase "O gato correu rápido", ela consegue identificar as palavras separadamente, reconhecendo que a linguagem oral não é uma sequência contínua e que pode ser segmentada. Essa habilidade é fundamental para a compreensão da estrutura da língua e para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Ainda, de acordo com Moraes (1997, p. 26), a consciência silábica envolve a capacidade de reconhecer e manipular sílabas nas palavras, que são unidades intermediárias entre a palavra e os fonemas. Um exemplo seria dividir a palavra "palavra" em suas partes: "pa-la-vra", ou formar novas combinações, como "la-pa". "A habilidade de perceber as sílabas como partes das palavras é um marco importante no desenvolvimento da consciência fonológica, pois aproxima a criança do princípio alfabético" (Moraes, 1997, p. 26).

Para o autor Cagliari (1999, p. 63), na consciência intrassilábica, a criança é capaz de identificar elementos dentro das sílabas, como rimas e aliterações. Por exemplo, pode perceber que "casa" rima com "asa" ou que as palavras "bolo", "bala" e "biscoito" compartilham o mesmo som inicial /b/. Essa habilidade contribui para a compreensão da estrutura sonora das palavras e ajuda no reconhecimento de padrões na linguagem.

Por fim, no nível mais avançado, a consciência fonêmica, a criança demonstra a capacidade de segmentar, combinar e manipular os fonemas individuais das palavras. Um exemplo seria identificar que a palavra "sol" é composta pelos sons /s/, /o/, e /l/, ou substituir o som inicial de "pato" por /g/, formando "gato". De acordo com Capovilla e Capovilla (2000), "a consciência fonêmica é a habilidade mais refinada da consciência fonológica e desempenha

um papel crucial no aprendizado do sistema alfabético, permitindo à criança compreender a correspondência entre os fonemas e os grafemas".

Essas etapas são interdependentes e essenciais para que a criança desenvolva plenamente as habilidades de leitura e escrita, pois proporcionam a base necessária para a compreensão do princípio alfabético e a decodificação da linguagem escrita.

O uso de atividades pedagógicas que estimulem a consciência fonológica tem se mostrado uma estratégia eficaz para o aprendizado da leitura e escrita. Práticas como jogos de rimas, a segmentação de palavras em sílabas, a identificação de sons iniciais e finais e a manipulação de fonemas auxiliam na construção do princípio alfabético, essencial para o domínio do sistema de escrita. Segundo Capovilla e Capovilla (2000), "a consciência fonológica não surge espontaneamente, sendo necessário que o ambiente escolar ofereça estímulos adequados para o desenvolvimento dessa habilidade".

Além disso, atividades que envolvem o lúdico, como jogos e brincadeiras com sons e palavras, facilitam o engajamento das crianças e tornam o processo de alfabetização mais significativo. Como afirma Morais (1997), "os jogos que exploram rimas, aliterações e segmentação silábica contribuem para a formação de habilidades fonológicas, fundamentais para a compreensão da relação entre grafemas e fonemas".

Tais práticas também ajudam a superar barreiras comuns no processo de alfabetização, especialmente para crianças que apresentam dificuldades em compreender a relação som-letra. Nesse sentido, Cagliari (1999) destaca que "o treinamento fonológico é essencial para crianças que têm dificuldade em associar os sons da fala às letras escritas, permitindo um avanço no domínio do sistema alfabético".

Portanto, ao incorporar atividades estruturadas para o desenvolvimento da consciência fonológica, os professores não apenas promovem o aprendizado, mas também potencializam a superação de dificuldades iniciais, criando uma base sólida para as etapas mais avançadas da alfabetização.

4 DESVENDANDO OS FATORES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO: PERSPECTIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo, serão abordados os fatores e desafios envolvidos no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Discutiremos como as práticas pedagógicas, o contexto socioeconômico, as características individuais dos alunos influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Entre os fatores abordados, destacam-se:

I - Práticas Pedagógicas

As práticas pedagógicas têm um papel determinante no processo de alfabetização, sendo um dos principais fatores que influenciam o sucesso ou insucesso na aprendizagem da leitura e da escrita. Segundo Soares (2020, p. 34), "a alfabetização eficaz depende não apenas da metodologia utilizada, mas também da capacidade do(a) professor(a) de adaptar sua abordagem às necessidades e ao contexto de seus alunos". Dessa forma, a escolha de estratégias e metodologias pelo(a) educador(a) impacta diretamente o ambiente de aprendizagem e a maneira como os alunos se relacionam com o conhecimento.

Os métodos de alfabetização, como os sintéticos e os analíticos, estruturam a forma pela qual as crianças aprendem a ler e a escrever. De acordo com Moraes (2012, p. 45), "nenhum método é universalmente eficaz, sendo imprescindível considerar a diversidade dos(as) alunos(as), suas experiências prévias e o contexto escolar para selecionar a abordagem mais adequada". A combinação de abordagens, como métodos sintéticos, que partem das partes para o todo, e métodos analíticos, que iniciam com palavras ou textos completos, pode ser mais eficiente, pois permite uma maior flexibilidade no ensino e atende às diferentes formas de aprender.

Além dos métodos, as estratégias pedagógicas também desempenham um papel essencial. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 87) apontam que "atividades lúdicas, como jogos e dramatizações, facilitam a compreensão das relações entre sons e grafias, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente". Essas práticas ajudam a transformar o processo de alfabetização em uma experiência prazerosa, promovendo a construção de vínculos positivos com a leitura e a escrita.

Diversificar as estratégias de ensino é igualmente necessário para atender à heterogeneidade da sala de aula. Segundo Almeida (2018, p. 102), "o uso de tecnologias educacionais e materiais didáticos adaptados pode proporcionar uma interação mais significativa com os conteúdos, favorecendo tanto os(as) alunos(as) com maior facilidade quanto aqueles(as) que necessitam de reforço". Recursos como jogos educativos, vídeos, softwares e materiais visuais contribuem para enriquecer as aulas e fortalecer a associação entre o oral e o escrito.

Outro aspecto central nas práticas pedagógicas é a formação dos professores. Conforme Soares (2020, p. 46), "a capacitação contínua do professor é um dos pilares para garantir um ensino de qualidade". Educadores bem preparados estão mais aptos a identificar as necessidades específicas de seus alunos, aplicar abordagens adequadas e acompanhar os avanços no campo da alfabetização. O conhecimento das teorias educacionais e a capacidade de adaptá-las à realidade do ensino fundamental são fundamentais para a eficácia do processo alfabetizador.

Assim, práticas pedagógicas bem planejadas e diversificadas são essenciais para estruturar o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. A integração entre metodologias eficazes, estratégias criativas, uso de materiais adequados e formação docente contribui para uma alfabetização significativa, inclusiva e de qualidade (Soares, 2020; Ferreiro & Teberosky, 1999; Moraes, 2012).

II - O Contexto Socioeconômico

O contexto socioeconômico no qual uma criança está inserida exerce um impacto significativo no seu processo de aprendizagem, influenciando diretamente o acesso a recursos educativos e as condições em que se desenvolve. Embora a educação seja um direito fundamental, ela não é oferecida de maneira igual para todas as crianças. Aqueles que pertencem a famílias com menos recursos econômicos frequentemente enfrentam uma série de dificuldades que afetam seu desempenho escolar e, conseqüentemente, o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Freire (1996):

A relação entre as condições de vida das crianças e seu desenvolvimento escolar é uma questão central para entender as desigualdades no processo de ensino-aprendizagem. A pobreza e a exclusão social impactam diretamente o acesso a recursos educativos, limitando as oportunidades de aprendizagem (Freire, 1996, p. 56).

O acesso a livros, brinquedos educativos e outros recursos didáticos é um fator crucial no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Crianças de famílias de baixa renda geralmente têm acesso limitado a esses materiais, o que pode dificultar a familiarização precoce com a leitura e a escrita. Além disso, a escassez de materiais educativos pode afetar a aprendizagem dentro da sala de aula, pois os professores muitas vezes dependem de recursos limitados para ensinar esses conteúdos. Esse cenário pode criar um ciclo de exclusão educacional, no qual as crianças com menor acesso a recursos começam o processo de alfabetização em desvantagem em relação a seus colegas.

Além disso, a alimentação adequada desempenha papel crucial no desempenho escolar. De acordo com Soares (2020, p. 92), "a insegurança alimentar compromete não apenas a saúde física das crianças, mas também o desenvolvimento cognitivo, impactando habilidades como memória, atenção e concentração". Crianças que sofrem com a falta de nutrientes necessários ao desenvolvimento cerebral podem apresentar dificuldades específicas na alfabetização, especialmente durante os anos iniciais, que são críticos para a aquisição da leitura e escrita.

Outro fator relevante é o ambiente social e familiar. Crianças em contextos economicamente desfavoráveis podem crescer em ambientes marcados por instabilidade emocional e falta de suporte educacional. Isso muitas vezes resulta em desmotivação para os estudos e baixo desempenho escolar. Segundo Lerner (2004, p. 78), "o envolvimento da família no processo educacional é determinante para o sucesso escolar, pois o apoio emocional e prático dado em casa contribui para que a criança supere os desafios escolares". Em contrapartida, a ausência desse apoio pode gerar um ciclo de dificuldades e fracasso escolar.

O apoio familiar é um fator determinante para o sucesso na alfabetização. Crianças de famílias com maior poder aquisitivo geralmente têm pais que podem investir tempo na leitura com os filhos, ajudar nas tarefas escolares ou contratar apoio educacional extra, como tutores. Por outro lado, as crianças de famílias com menos recursos podem não ter as mesmas oportunidades. Essa disparidade no apoio educacional em casa pode acentuar as diferenças no desempenho escolar, afetando a equidade no processo de alfabetização. Conforme pontua Lerner (2004):

O apoio familiar é um dos principais fatores que influenciam o sucesso escolar. Crianças cujos pais estão emocionalmente estáveis e envolvidos no processo educativo tendem a se sair melhor academicamente, enquanto aquelas que enfrentam dificuldades familiares e falta de apoio em casa têm mais chances de desenvolver desinteresse pela escola e dificuldades de aprendizagem" (Lerner, 2004, p. 78).

Portanto, o contexto socioeconômico pode estabelecer barreiras significativas para o processo de alfabetização, criando um ciclo de exclusão educacional para crianças em situações de vulnerabilidade. Entretanto, como destaca Soares (2020, p. 97), "essas dificuldades não são insuperáveis, desde que sejam adotadas práticas pedagógicas inclusivas e políticas públicas que garantam suporte adequado às crianças e suas famílias".

III- Ambiente escolar

O ambiente escolar é um dos fatores determinantes no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, influenciando diretamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A infraestrutura da escola, o clima emocional e a organização pedagógica são aspectos que impactam de forma significativa a aprendizagem das crianças. Um ambiente escolar bem estruturado, com espaços adequados, materiais didáticos apropriados e tecnologias que complementem o ensino, oferece condições favoráveis para o processo de alfabetização. Segundo Silva (2008):

É no ambiente escolar que se define a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois a organização do espaço, a disposição dos materiais, o clima afetivo e a interação social contribuem decisivamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. (Silva, 2008, p. 45)

Além disso, o clima escolar, que envolve a interação entre alunos e professores, também tem grande influência. Um ambiente de respeito mútuo, acolhimento e motivação estimula os estudantes a se engajarem mais ativamente nas atividades de leitura e escrita. Quando os alunos se sentem seguros e apoiados, suas habilidades cognitivas são mais bem desenvolvidas, o que facilita a aquisição da leitura e escrita.

Outro ponto relevante é a organização do tempo e das atividades. A escola precisa proporcionar momentos para que os alunos possam explorar diferentes estratégias de aprendizagem, sem sobrecarregar com tarefas excessivas, respeitando o ritmo de cada criança. Uma gestão de tempo eficiente, que combine atividades práticas, leituras e momentos lúdicos, contribui para o engajamento dos alunos no processo de alfabetização. No entanto, o que vimos nas escolas é o desperdício do tempo, quando percebemos que, no decorrer da aula a professora

permite ir ao banheiro ou bebedouro, uma fila de cada vez e também copiando atividade no quadro, fica esperando os discentes terminar de copiar.

Por fim, o apoio de outros profissionais da educação, como psicólogos e pedagogos, também é essencial para identificar possíveis dificuldades e oferecer estratégias de intervenção adequadas. Esses profissionais, ao trabalharem junto com os professores, ajudam a personalizar o ensino e garantem que todos os alunos, independentemente das dificuldades que possam apresentar, tenham as melhores condições para se alfabetizar.

Portanto, o ambiente escolar não é apenas um espaço físico, mas um contexto social e emocional que exerce uma influência direta sobre o desenvolvimento da leitura e escrita, sendo crucial para o sucesso do processo de alfabetização.

Os desafios da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental são múltiplos e variam conforme o contexto escolar, social e individual dos alunos. Alguns dos principais desafios incluem:

I- Formação e Capacitação Docente

A formação e capacitação docente são pilares fundamentais para o sucesso do processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, há um consenso entre pesquisadores e profissionais da educação de que, muitas vezes, a formação inicial não prepara adequadamente os professores para enfrentar os desafios concretos da sala de aula. De acordo com Barreto (2013), a formação de professores muitas vezes carece de foco em competências práticas que dialoguem diretamente com o contexto escolar e as necessidades dos alunos, especialmente em turmas mais desafiadoras.

Além disso, a falta de programas regulares e bem estruturados de formação continuada agrava o problema. Em muitos casos, os docentes não têm acesso a oportunidades de atualização que lhes permitam refletir sobre suas práticas, conhecer novas abordagens pedagógicas ou aprofundar-se em conceitos importantes, como a psicogênese da língua escrita ou a consciência fonológica. Essa lacuna impacta diretamente a capacidade dos professores de adaptar suas práticas às demandas específicas dos alunos, que variam em função de fatores socioeconômicos, culturais e cognitivos.

Outro ponto relevante é o impacto das políticas educacionais nesse contexto. Em diversas regiões do Brasil, as iniciativas de formação continuada são fragmentadas ou insuficientemente financiadas, o que limita a possibilidade de capacitação sistemática e

abrangente dos docentes. Quando esses programas existem, frequentemente não consideram as realidades locais, oferecendo conteúdos genéricos que pouco dialogam com os desafios específicos enfrentados por cada escola.

A formação inicial e continuada deveria, idealmente, capacitar os professores para identificar dificuldades de aprendizagem precocemente, utilizar metodologias diversificadas e implementar práticas pedagógicas inclusivas. Essa necessidade torna-se ainda mais urgente diante das exigências atuais, como o uso de tecnologias digitais na sala de aula e a inclusão de alunos com diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.

II- Heterogeneidade das Turmas

A heterogeneidade das turmas nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um aspecto desafiador para o processo de alfabetização, uma vez que congrega alunos em diferentes estágios de desenvolvimento da leitura e da escrita. Em uma única sala de aula, é comum encontrar crianças que já possuem contato avançado com a linguagem escrita, enquanto outras ainda enfrentam dificuldades ou estão nas fases iniciais de aprendizado. Essa diversidade pode ser atribuída a fatores como contextos socioeconômicos variados, experiências escolares prévias e diferenças nos ritmos individuais de aprendizagem. Como afirma Soares (2004, p.35), "o processo de alfabetização é influenciado por um conjunto complexo de fatores, entre eles, as vivências que cada criança traz para o ambiente escolar".

Para os(as) professores(as), essa diversidade representa um grande desafio, demandando práticas pedagógicas que atendam a diferentes níveis de desenvolvimento simultaneamente. No entanto, a implementação dessas práticas pode ser dificultada por problemas estruturais, como o número elevado de alunos por sala, a escassez de recursos pedagógicos e o tempo limitado para planejamento e acompanhamento individualizado. De acordo com Morais (2012, p.78), "a atenção às especificidades de cada aluno é essencial para o sucesso da alfabetização, mas muitas vezes é inviabilizada pelas condições de trabalho dos professores".

Por outro lado, a heterogeneidade também pode ser vista como uma oportunidade para o enriquecimento do processo educativo, desde que seja acompanhada de estratégias pedagógicas eficazes e suporte institucional. Metodologias diversificadas, como a diferenciação pedagógica e o trabalho em grupos heterogêneos, podem contribuir para atender às necessidades de todos os alunos, promovendo a inclusão e o avanço no processo de

alfabetização. Como afirma Ferreiro (1996), A alfabetização é um processo que não pode ser uniformizado, pois cada criança constrói seu conhecimento de maneira única, influenciada por seu contexto e suas experiências (p. 72). Dessa forma, a abordagem pedagógica deve ser flexível, adaptando-se às particularidades de cada aluno”.

III- Deficiência de Recursos

A ausência de materiais didáticos adequados, como livros, jogos pedagógicos e tecnologias, dificulta a criação de estratégias de ensino diversificadas e atrativas, essenciais para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita.

Outro problema recorrente é a falta de bibliotecas equipadas. Muitas instituições de ensino, especialmente em áreas rurais ou periféricas, não possuem um acervo de qualidade ou espaços adequados para incentivar a prática da leitura - o que vemos é esse espaço servir como “o depósito” da escola. Isso limita o acesso dos alunos a textos variados, fundamentais para ampliar o vocabulário, estimular o pensamento crítico e fortalecer a fluência na leitura.

A falta de recursos na escola acaba por intensificar desigualdades já existentes, tornando mais difícil para crianças em situação de vulnerabilidade progredirem na alfabetização. Superar esse desafio requer investimentos públicos para garantir infraestrutura adequada e acesso a materiais que favoreçam um ensino de qualidade.

IV- Falta de Engajamento Familiar

O ambiente doméstico exerce uma influência significativa na aprendizagem da leitura e escrita. O envolvimento dos pais ou responsáveis é crucial para reforçar as atividades escolares e estimular o hábito da leitura, mas em muitos contextos, esse apoio é limitado por diferentes fatores. Segundo Paro (2000), a participação da família no processo educacional é essencial para garantir o desenvolvimento pleno da criança, pois é no ambiente familiar que ela encontra os primeiros estímulos para o aprendizado. A ausência desse envolvimento pode comprometer a relação da criança com a escola e o sucesso em sua trajetória escolar.

Muitas famílias enfrentam jornadas de trabalho longas, o que reduz o tempo disponível para acompanhar as tarefas escolares ou participar de reuniões e atividades propostas pela escola. Além disso, em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, os responsáveis podem não ter acesso a materiais educativos, como livros e cadernos, ou mesmo o conhecimento

necessário para auxiliar no aprendizado da criança. Essa limitação é especialmente evidente em lares onde os próprios pais não tiveram oportunidades educacionais suficientes.

Outro fator relevante é a desinformação sobre a importância do engajamento familiar no processo educativo. Alguns responsáveis acreditam que o papel de ensinar é exclusivo da escola, subestimando o impacto que o apoio doméstico pode ter no desempenho acadêmico. Essa percepção pode ser agravada por uma relação distante entre a escola e a comunidade, onde a comunicação entre professores e famílias é pouco frequente ou não prioriza a inclusão dos responsáveis no processo de aprendizagem.

A ausência de engajamento familiar não apenas prejudica o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, mas também pode desmotivar a criança, que sente a falta de incentivo e reconhecimento no ambiente doméstico. Para superar esse desafio, é fundamental que as escolas promovam ações de sensibilização e apoio às famílias, oferecendo orientações práticas e criando um vínculo mais próximo com a comunidade. Além disso, a escola precisa desenvolver a cultura de proporcionar aos educadores(as) a reflexão da prática pedagógica para buscar alternativas de solução para as questões voltadas para o processo de alfabetização, pois a escola tem o dever de garantir que todos(as) aprendem a ler e a escrever.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo apresenta a análise e os resultados obtidos a partir dos dados coletados por meio de questionários aplicados junto as professoras, durante a pesquisa. As interlocutoras participantes foram quatro professoras, atuantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental: uma do primeiro ano, uma do segundo, uma do terceiro e uma do quinto ano. Para garantir o anonimato, foram atribuídos nomes fictícios às participantes: Camélia, Jasmim, Íris e Pérola, respectivamente.

Este capítulo também descreve as respostas obtidas, articulando-as com os teóricos citados no referencial teórico, e traz nossas interpretações subjetivas acerca das informações analisadas, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos fatores e desafios envolvidos no processo de alfabetização.

Para a análise dos dados e maior esclarecimento acerca da pesquisa, foram definidas três categorias: 1- Práticas Pedagógicas no Processo De Alfabetização; 2- Fatores Influenciadores No Desenvolvimento Das Habilidades De Leitura e Escrita; 3- Desafios no Processo de Alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

5.1 Práticas Pedagógicas no Processo de Alfabetização

As práticas pedagógicas desempenham um papel fundamental ao fornecerem ferramentas e estratégias essenciais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Com base nessa premissa, foram realizadas indagações com quatro professoras sobre diferentes aspectos da sua prática pedagógica. As perguntas, respectivamente, abordaram: o momento das atividades de leitura, as metodologias utilizadas, materiais de apoio a frequência com que realizavam as atividades específicas de leitura e escrita no cotidiano escolar.

Professora Camélia: Em todas as oportunidades que puder, não só na disciplina de português, mas em todas as outras, cada atividade uma proposta para leitura. Produção de texto, leitura e compreensão, interpretação de texto, como elaboração de questões. Utilizo como materiais de apoio, jogos de montar com as letras e sílabas, formando palavras e frases e pesquisas de pequenos textos. Todos os dias faço atividades específicas de leitura e escrita.

Professora Jasmim: Em todas as aulas, preciso realizar atividades que envolvam leitura.

Ditados de palavras e frases. Bingo de palavras. Produções textuais individuais e coletivas. Uso materiais de apoio como cartazes, atividades xerocadas, jogos

pedagógicos e entre outros. Faço com bastante frequência, pois minhas aulas são voltadas especificamente para leitura e escrita.

Professora Íris: Atividades de leitura são realizadas frequentemente no decorrer diário das aulas. Leitura e interpretação são atividades trabalhadas em todas as disciplinas. Faz parte da grade curricular metodologias para trabalhar a leitura e escrita: Leitura silenciosa, em grupo, em voz alta, produções textuais, questões opinativas. Utilizo materiais de apoio como livro didático, paradidáticos, vídeos no projetor. A frequência se dá diariamente no momento da leitura compartilhada e nas atividades propostas em sala.

Professora Pérola: As atividades de leitura fazem parte da rotina de abertura das aulas, com o momento: é hora da historinha, momento em que a professora faz a contação de história, aplicamos também o rodízio de leitura, que consiste no aluno levar uma leitura paradidática para casa e tem como atividade além da leitura um fichamento sobre a mesma, aplicamos também um momento de produção textual, que é desenvolvido em um horário específico da semana e também paralelamente às atividades de língua portuguesa. Faço uso de jogos de leitura e escrita, leituras paradidáticas (cantinho da leitura); alfabeto móvel durante a rotina de aulas.

Os dados revelam que as práticas pedagógicas das professoras são amplamente diversificadas, mas, de certa forma, se assemelham, evidenciando um compromisso significativo com o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nos alunos. Como destaca Moran (2013), a utilização de diferentes metodologias no processo de alfabetização possibilita atender à diversidade de estilos de aprendizagem, promovendo um ensino mais inclusivo e eficaz.

A adoção de estratégias como leituras silenciosas, em grupo, produções textuais e jogos pedagógicos, aliada ao uso de materiais como livros didáticos, paradidáticos, jogos e atividades manuais, demonstra a preocupação em tornar o aprendizado dinâmico e acessível a diferentes perfis de estudantes. Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 56) ressaltam que os recursos didáticos, como livros, jogos e materiais concretos, são fundamentais para criar experiências de aprendizado significativas, pois permitem que os alunos se envolvam de forma ativa e prática no processo de alfabetização.

A prática constante da leitura em sala de aula é essencial, como afirma Cagliari (2009, p. 112): “A leitura deve ser uma prática cotidiana nas salas de aula, pois, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de linguagem, amplia o repertório cultural e crítico dos estudantes”.

Além disso, a frequência com que essas práticas são realizadas, muitas vezes de forma diária, destaca a centralidade da leitura e da escrita nas rotinas escolares, conforme ressalta Paro (2000), a qualidade da educação está diretamente relacionada à frequência e à consistência das práticas pedagógicas, especialmente aquelas voltadas para o desenvolvimento das habilidades

de leitura e escrita. Iniciativas como o momento "É hora da historinha", promovido pela professora Pérola, se destacam como estratégias criativas e envolventes para incentivar a leitura de maneira lúdica e prazerosa. Como destaca Cagliari (2009), práticas que tornam a leitura uma atividade prazerosa são fundamentais para criar vínculos afetivos com o conhecimento e para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Essas práticas não apenas despertam o interesse pela leitura, mas também podem servir como modelos inspiradores para cultivar hábitos de leitura desde os primeiros anos escolares, promovendo um ambiente alfabetizador mais enriquecedor e motivador.

Para que as práticas de leitura e escrita sejam ainda mais eficazes, é fundamental que os professores invistam em recursos que diversifiquem o ensino, como tecnologias educacionais, materiais multimodais e atividades que envolvam os discentes de maneira criativa e interativa. Isso está em consonância com a ideia de que a alfabetização deve ser um processo dinâmico e personalizado, que leve em consideração as características, necessidades e interesses dos estudantes, como afirma Moraes (2004), ao destacar que a alfabetização precisa ser flexível e adaptada às experiências e contextos dos alunos.

A reflexão sobre a prática pedagógica destaca a importância de momentos planejados de forma cuidadosa e diversificada, que não apenas garantem o engajamento dos alunos, mas também asseguram uma aprendizagem significativa. A leitura e a escrita deixam de ser vistas como atividades mecânicas e passam a ser práticas conectadas à vida cotidiana dos estudantes. Quando essas atividades são adaptadas à realidade e aos interesses dos alunos, a alfabetização se torna um processo mais integrador e eficaz, promovendo a autonomia do aluno enquanto sujeito ativo de seu próprio aprendizado" (Esteban, 2000).

Ainda, de acordo com Cagliari (2009), a integração de atividades que envolvam temas próximos à realidade dos alunos, aliada a momentos lúdicos e interativos, como jogos e atividades de produção textual, contribui significativamente para a construção de um conhecimento mais significativo e prazeroso. Como destaca Emília Ferreiro (2001), a alfabetização não deve se restringir a um conjunto de atividades mecanicamente repetidas, mas deve ser uma vivência rica que esteja diretamente relacionada às experiências e ao contexto do aluno. A utilização de diferentes abordagens pedagógicas e de materiais diversificados permite que os alunos se conectem de maneira mais profunda com o conteúdo, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita de forma integrada e significativa.

Assim, é essencial que as práticas pedagógicas continuem evoluindo, com o uso de novas estratégias que favoreçam um ensino mais diversificado e inclusivo, de modo a garantir

que cada aluno tenha a oportunidade de se desenvolver plenamente, tanto nas habilidades de leitura e escrita quanto em sua capacidade de compreender o mundo ao seu redor.

5.2 Fatores Influenciadores no Desenvolvimento das Habilidades de Leitura e Escrita

Nesta seção, serão apresentados os fatores que influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nos alunos, conforme relatado pelas professoras entrevistadas. O processo de alfabetização, conforme abordado anteriormente, é permeado por condições internas e externas que podem facilitar ou dificultar a aquisição dessas habilidades. As professoras foram questionadas sobre o tempo dedicado às atividades de leitura e escrita, os fatores que consideram mais influentes no processo de alfabetização e como avaliam o impacto da formação continuada em sua prática pedagógica.

Professora Camélia: Sim, porque podemos aproveitar todo o horário para trabalhar leitura e escrita. Entre os fatores mais influentes, destaco a assiduidade e o acompanhamento dos pais. Considero a formação continuada extremamente necessária para a nossa prática, pois a educação e os conhecimentos estão em constante evolução e mudanças."

Professora Jasmim: Sim, pois na maior parte das aulas estou trabalhando com leitura e escrita. Os fatores mais influentes são a disciplina, o acompanhamento da família, a realização das atividades propostas e o acompanhamento neurológico das crianças que precisam de tal atendimento (que são muitos). Avalio a formação continuada de forma positiva e penso que seja de suma importância para a prática do dia a dia em sala de aula.

Professora Íris: Sim. A leitura e a escrita fazem parte das aulas não somente na disciplina de língua portuguesa, mas também em todas as outras disciplinas da grade curricular. Os fatores mais relevantes incluem leitura e interpretação textual: ler e entender o significado de cada texto lido, além de reconhecer a análise linguística da gramática da língua portuguesa. A secretaria municipal de educação proporciona aos professores formações que auxiliam no planejamento e nas metodologias das aulas.

Professora Pérola: Mesmo com uma rotina intensa de atividades, algumas habilidades ainda não conseguem ser contempladas, necessitando de complementação com atividades extraclasse e até mesmo atividades específicas com apoio de outros profissionais de áreas diferentes. Isso ocorre porque o processo de apropriação das habilidades de leitura e escrita acontece de forma gradual e em ritmos diferenciados. Os fatores mais influentes incluem a influência cultural, a resistência à apropriação da linguagem padrão em contraste com a linguagem coloquial usada na rotina familiar, a falta de apoio familiar, a escassez de recursos didáticos apropriados e a ausência de uma rede de apoio. A formação continuada se faz necessária, pois esse processo acompanha as mudanças sociais e surgem novos desafios que exigem novas formações."

As práticas de leitura e escrita, destacadas pelas professoras entrevistadas, são inegavelmente essenciais para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, mas a forma

como ela é aplicada no ambiente escolar, revela tanto avanços quanto limitações significativas. A Professora Camélia afirma que o tempo escolar é "integralmente aproveitado para trabalhar leitura e escrita", o que indica um esforço em maximizar o tempo dedicado a essas práticas. No entanto, essa afirmação também desperta uma reflexão crítica: será que esse "aproveitamento integral" realmente se traduz em práticas pedagógicas eficazes ou estamos apenas tratando as atividades de leitura e escrita de maneira superficial? A ênfase no tempo dedicado a essas práticas, como observado pela professora Jasmim, que afirma que "grande parte das aulas está voltada para leitura e escrita", pode ser vista como uma tentativa de suprir lacunas no desenvolvimento dessas habilidades, mas é fundamental questionar se essa quantidade de tempo realmente resulta em qualidade de aprendizagem. A Professora Íris, ao afirmar que essas práticas perpassam outras áreas do conhecimento, nos convida a pensar sobre a integração interdisciplinar da leitura e escrita. No entanto, a integração não deve ser apenas um esforço de dispersão do conteúdo; ela precisa ser uma abordagem pedagógica bem estruturada, que promova uma reflexão crítica e não apenas uma transposição superficial das práticas de leitura e escrita para outras disciplinas.

Essa abordagem interdisciplinar é defendida por Freire (1987), que vê o ensino da leitura e escrita como um processo contínuo e crítico. Contudo, é importante refletir sobre o contexto escolar em que essas práticas estão inseridas. Em muitos casos, a integração interdisciplinar pode ser mais uma intenção pedagógica do que uma realidade efetiva. A aplicação dessas práticas de forma crítica e reflexiva, como propõe Freire, muitas vezes se perde diante de uma pressão por resultados imediatos ou de uma visão pragmática do ensino que negligencia o desenvolvimento crítico dos alunos. Morais (2012)) também aponta a importância de práticas sistemáticas e bem planejadas, mas será que, na realidade, essas práticas são realmente estruturadas para promover habilidades leitoras e escritoras profundas, ou estamos apenas criando um ambiente de repetição mecânica que visa atender às exigências curriculares?

A questão dos fatores externos, como o apoio familiar e o acompanhamento especializado, abordada pelas professoras, é outro ponto crítico. A Professora Jasmim menciona que a falta de apoio familiar e de acompanhamento especializado, como o neurológico, compromete o desenvolvimento das crianças. Esse é um fator que, frequentemente, é subestimado nas discussões sobre alfabetização. O envolvimento da família, como defendido por Mortatti (2006), é crucial, mas muitas vezes as famílias não têm as ferramentas ou o conhecimento necessário para apoiar de forma eficaz seus filhos no processo de aprendizagem. Além disso, a resistência cultural, mencionada pela Professora Pérola, é um desafio que vai

além das fronteiras da escola. A dificuldade de transição entre a linguagem coloquial familiar e a norma culta da língua, como enfatizado por Freire (1987), revela uma tensão entre o conhecimento que os discentes trazem de casa e o que a escola exige. Essa resistência cultural, longe de ser um obstáculo a ser superado, deve ser vista como uma oportunidade de incorporar a diversidade linguística na sala de aula de forma construtiva. A norma culta da língua não deve ser um fim em si mesma, mas uma ferramenta de inclusão social, como argumenta Freire, que possibilita aos alunos a transição para contextos mais amplos de comunicação. No entanto, a implementação desse processo de forma inclusiva e respeitosa exige uma reflexão pedagógica mais profunda, algo que nem sempre é observado nas práticas cotidianas das escolas.

A escassez de recursos didáticos e a falta de apoio institucional, mencionados, especialmente pela Professora Pérola, são desafios que para ela, dificulta o trabalho pedagógico. Morais (2012) argumenta que a alfabetização deve ser vista dentro de um contexto social e cultural mais amplo, reconhecendo e combatendo as desigualdades. No entanto, como muitos educadores enfrentam a falta de infraestrutura básica e apoio institucional, a eficácia das práticas pedagógicas é severamente comprometida. Não adianta promover práticas pedagógicas inovadoras se o contexto em que elas são aplicadas não fornece as condições mínimas para o seu sucesso. O reconhecimento de que a alfabetização é um fenômeno social, que vai além do ambiente escolar, é essencial, mas é preciso questionar se as escolas estão preparadas para lidar com as complexas realidades que os alunos enfrentam fora da sala de aula.

Portanto, a ênfase na formação continuada, apontada por todas as professoras, é sem dúvida um ponto positivo, mas também uma área que exige uma análise crítica. A Professora Camélia e a Professora Íris destacam a importância da atualização pedagógica, e a Professora Pérola enfatiza a adaptação dos professores às mudanças sociais e aos novos desafios educacionais. No entanto, é crucial perguntar: essa formação continuada é realmente acessível e de qualidade? Muitos programas de formação são superficiais e não têm um impacto direto na prática pedagógica ou muitas vezes não são colocados em prática por parte de alguns professores. Soares (2003) defende a importância da formação continuada para a atualização dos professores, mas essa formação precisa ser bem estruturada e alinhada com as reais necessidades dos educadores, caso contrário, corre o risco de se tornar mais um requisito burocrático do que uma verdadeira oportunidade de aprimoramento.

5.3 Desafios no Processo de Alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental é permeado por diversos desafios que impactam diretamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. Esses desafios não se limitam ao ambiente escolar, mas incluem fatores sociais, culturais e familiares que influenciam o aprendizado. Para compreender como esses desafios são enfrentados, as professoras foram questionadas sobre como lidam com a diversidade nos níveis de habilidades dos discentes, os principais obstáculos encontrados no processo de alfabetização e o que consideram necessário para superá-los.

Professora Camélia: A diversidade de níveis dentro da sala de aula é, para mim, a maior riqueza de conhecimentos, pois aqueles alunos que já são mais desenvolvidos ajudam os outros. Contudo, enfrento desafios como a disputa com as mídias, já que crianças que passam muito tempo expostas às telas têm mais dificuldade de atenção. Para superar esses desafios, acredito que é necessária uma maior conscientização por parte dos pais quanto aos cuidados e à atenção com os estudos de seus filhos. Além disso, proponho reuniões mensais com os pais para apresentar relatórios sobre os alunos e discutir as dificuldades enfrentadas na sala de aula, promovendo assim maior engajamento familiar.

Professora Jasmim: Procuro trabalhar com atividades diferenciadas, adequando-as aos diferentes níveis de habilidades dos alunos. No entanto, os principais desafios enfrentados incluem a indisciplina, a falta de acompanhamento familiar, alimentação inadequada, problemas familiares e a carência de recursos pedagógicos. Para minimizar esses problemas, considero essencial a realização de atividades que possam reduzir a indisciplina, além de incentivar a maior participação das famílias no cotidiano escolar de forma positiva. Também seria importante a realização de palestras com os pais e a disponibilização de mais recursos pedagógicos.

Professora Íris: A diversidade de níveis é uma das dificuldades recorrentes no cotidiano escolar, já que diferentes planejamentos são necessários para atender às necessidades de toda a turma. Outro grande desafio é a falta de motivação de alguns alunos em aprender, somada à ausência de apoio por parte da família. Para superar esses obstáculos, acredito que a participação da família no processo de ensino-aprendizagem é primordial. Infelizmente, essa parceria entre família e escola ainda é frágil na realidade das minhas turmas, mas vejo nela uma oportunidade de avanço.

Professora Pérola: Buscamos desenvolver atividades específicas dentro das nossas limitações e condições disponíveis. Contudo, enfrentamos grandes dificuldades, como a limitação de recursos, a falta de apoio familiar, a indisciplina em sala de aula e a diversidade que exige parcerias mais especializadas. Para superar esses desafios, considero essencial uma reforma no sistema público, com valorização dos profissionais da educação, aumento de recursos financeiros para aquisição de materiais apropriados, melhor formação dos professores e maior envolvimento das famílias no processo de aprendizagem.

Ao analisar as falas das professoras percebemos que os desafios são quase semelhantes, destacando: a falta de apoio da família, a indisciplina dos discentes, falta de recursos didáticos, heterogeneidade da turma (diversidade de níveis), falta de motivação das crianças, disputa com mídia (criança muito tempo nas telas). A diversidade de níveis de

aprendizagem, como mencionada pela professora Camélia, é uma realidade que, embora reconhecida como uma "riqueza de conhecimentos", exige um planejamento didático cuidadoso e adaptado às necessidades dos alunos. Autores como Lajolo (2001), destacam a importância de estratégias pedagógicas flexíveis que permitam um atendimento mais personalizado, considerando as diferentes realidades cognitivas das crianças em sala de aula. O autor, enfatiza, que a alfabetização não pode ser tratada de maneira homogênea, pois cada criança traz consigo um contexto e uma bagagem de aprendizagens distintas.

A influência das mídias digitais, identificada pela professora Camélia como um fator externo que prejudica a atenção dos alunos, é uma questão que preocupa educadores em todo o mundo. Estudos como os de Pimentel (2015) sugerem que o uso excessivo de tecnologias pode diminuir a capacidade de concentração e afetar a aprendizagem, especialmente em crianças pequenas. De acordo com Pimentel (2015), o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita requer tempo de interação com livros e materiais impressos, que favorecem a imersão no texto, o que não acontece da mesma forma com a interação nas telas.

A indisciplina e a falta de acompanhamento familiar, apontadas pela professora Jasmim, refletem uma realidade que impacta diretamente o processo de alfabetização. Lima (2013) discute como a ausência de apoio familiar e a presença de conflitos familiares influenciam negativamente o desempenho escolar das crianças. A desestruturação familiar, muitas vezes associada a questões socioeconômicas, dificulta a criação de um ambiente propício para a aprendizagem em casa. O autor afirma que o papel da família deve ser central no processo educativo, e sua ausência contribui para a fragilidade do desenvolvimento escolar.

No entanto, a escola, como dito anteriormente, tem o dever de buscar estratégias no sentido de ajudar aqueles(as) alunos(as) que não estão engajados em famílias estruturadas, a se desenvolverem no processo de aquisição da leitura e da escrita, pois para muitas crianças, elas só terão a escola para ajudá-las neste processo e ascender na vida.

A falta de motivação das crianças, mencionada pela professora Íris, é outro desafio crucial. A motivação, como afirma Nunes (2017), é um fator determinante para o sucesso na alfabetização. Quando os alunos não se sentem estimulados ou quando o conteúdo não está vinculado aos seus interesses e necessidades, o processo de aprendizagem se torna mais lento e menos eficaz. Nunes (2017) reforça que é preciso cultivar um ambiente escolar que favoreça o interesse dos(as) alunos(as), tornando a aprendizagem mais significativa e relevante para suas vidas. Será que as professoras investigadas estão desenvolvendo estratégias significativas e prazerosas para chamar a atenção dos(as) seus(as) alunos(as) no sentido da construção de

conhecimentos? Elas estão envolvidas numa prática reflexiva no sentido de rever seu planejamento e mudar sua prática, se necessário?

As limitações de recursos e a indisciplina, citadas pela professora Pérola, são obstáculos estruturais que muitas escolas enfrentam. A escassez de materiais pedagógicos e a falta de formação continuada para os docentes são questões recorrentes na educação básica. Silva e Pimentel (2014) apontam que a falta de recursos afeta diretamente a qualidade do ensino e impede que os professores apliquem métodos mais dinâmicos e eficazes. A falta de valorização profissional também é um fator que dificulta o trabalho pedagógico, como discute Gatti (2015), ao afirmar que a formação e a valorização do professor são fundamentais para o desenvolvimento de práticas educacionais que atendam às necessidades de todos os alunos.

Em síntese, os dados apontam que os desafios enfrentados pelas professoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental são complexos e que provavelmente exige um repensar da formação continuada das professoras da Rede Municipal de Teresina. Pois os desafios apontados precisam ser refletidos nos encontros a partir de fundamentação teórica que poderão ajudar os(as) educadores(as) a entender sobre: o manejo de classe, o uso dos diversos recursos didáticos existentes nas escolas, além de construir novos recursos didáticos, estudar sobre heterogeneidade e definir estratégias para trabalharem diferentes níveis de escritas, bem como sobre (IN) disciplina, relação família escola e Redes sociais.

A superação desses desafios depende de um esforço conjunto entre escola, família e comunidade, com foco na adaptação das práticas pedagógicas, no engajamento da família e na melhoria das condições estruturais nas escolas. A integração de diferentes atores sociais e a valorização dos profissionais da educação são, portanto, pontos-chaves para o sucesso da alfabetização nas séries iniciais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar os fatores e desafios que permeiam o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com especial atenção às perspectivas pedagógicas e às implicações no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar e refletir sobre diversos elementos que influenciam o sucesso ou as dificuldades encontradas pelos discentes nesse processo, o que é essencial para sua formação integral e sua inserção na sociedade.

A partir da análise dos dados coletados, foi possível identificar que os principais desafios enfrentados na prática pedagógica estão profundamente ligados às desigualdades sociais, à escassez de recursos materiais nas escolas, e à falta de formação contínua dos docentes, especialmente nos anos iniciais, isto limita a aplicação de métodos pedagógicos mais atualizados e eficazes, resultando em práticas que muitas vezes não atendem à diversidade de ritmos e níveis de aprendizagem presentes na sala de aula. Além disso, as condições socioeconômicas dos alunos, muitas vezes desafiadoras, agravam a desigualdade de oportunidades educacionais, dificultando o acesso e a permanência nas práticas de alfabetização de qualidade. A análise dos dados, também, evidenciou a importância da integração entre escola, família e comunidade. A colaboração entre esses agentes é fundamental para que as crianças se sintam apoiadas e estimuladas a progredir em seu processo de alfabetização, sendo crucial para a construção de uma rede de apoio eficiente. No entanto, não devemos esquecer que para muitas crianças, a escola é o único espaço educativo e de socialização do conhecimento acumulado pela humanidade, neste sentido, a gestão precisa se preparar para ajudar a estas crianças a se apropriar deste saber.

A qualificação dos professores permite que eles não apenas compreendam melhor as necessidades dos discentes, mas também possam implementar estratégias didáticas mais eficazes e adaptadas às especificidades de cada turma. A capacitação, aliada a um ambiente escolar mais colaborativo, se mostrou um caminho promissor para a superação das dificuldades encontradas.

Em relação aos desafios, os dados coletados apontam que são muito os enfrentados pelas professoras em suas práticas pedagógicas, tais como por exemplo; a falta de motivação das crianças, indisciplina, falta de recursos didáticos e apoio da família, formação de turma heterogênea, dentre outros. Isso mostra que o processo educacional é complexo e exige uma gestão competente voltada para desenvolver uma prática reflexiva na escola, para que os

docentes no seu cotidiano se coloquem no processo ensino aprendizagem, e, a partir da fundamentação teórica, analise as situações problemas detectadas em sala de aula, e assim busquem as alternativas corretas de acordo com cada situação surgida.

A aplicação de métodos de ensino mais inclusivos e diversificados pode contribuir significativamente para a redução das lacunas de aprendizagem observadas nos anos iniciais, tendo em vista a heterogeneidade das turmas. Estratégias que valorizem a diversidade de ritmos de aprendizagem e que incorporem as potencialidades das crianças podem ajudar a garantir que todos alcancem os níveis esperados de alfabetização. Além disso, a valorização das práticas de leitura e escrita em contextos reais e significativos, para os alunos se mostrou uma ferramenta poderosa para o letramento, permitindo que os estudantes percebam a relevância do que estão aprendendo.

A pesquisa aqui realizada proporciona uma reflexão sobre os fatores e desafios que envolvem o processo de alfabetização nos anos iniciais, oferecendo uma base para futuras investigações sobre o tema. Além disso, aponta para a necessidade de um repensar sobre a prática pedagógica por parte das professoras e dos demais gestores das escolas do Ensino Fundamental Anos Iniciais

Portanto, podemos concluir que a alfabetização é um processo complexo e multifacetado, que exige o engajamento de diversos atores – professores, alunos, famílias e gestores educacionais – para que se concretize de forma eficaz. Superar os desafios identificados nesta pesquisa, como a desigualdade social, a falta de reflexão sobre a prática pedagógica e as limitações no ambiente escolar, requer uma ação coordenada e um compromisso firme com a melhoria das condições de ensino. A implementação de estratégias pedagógicas adequadas, aliadas a um apoio institucional contínuo, pode representar um avanço significativo no processo de alfabetização, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e com maiores oportunidades de desenvolvimento para todos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. E. B. de. Alfabetização e letramento: o desvelar de dois caminhos possíveis. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- BARRETO, A. M. Desafios da alfabetização no Brasil: o papel da escola e da família. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução L. A. Reto, A. Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.bncc.mec.gov.br>. Acesso em: 29 out. 2024.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1999.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. D. R. Alfabetização: método fônico. São Paulo: Memnon, 2000.
- ESCOLA EDUCAÇÃO. Representações dos estágios da psicogênese da língua escrita. Disponível em: <https://www.escolaeducacao.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- ESTEBAN, M. T. O conceito de letramento e sua implicação para a prática pedagógica. In: LETRAMENTO: Uma abordagem teórica e prática. São Paulo: Cortez, 2000. p. 31-48.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. 10. ed. São Paulo: Artmed, 1989.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. 10. ed. São Paulo: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. Alfabetização e linguagem: a prática pedagógica. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRO, E. A alfabetização em questão. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: três artigos que se inter-relacionam. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, B. A valorização dos profissionais da educação: práticas e políticas públicas. São Paulo: Unesp, 2015.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAJOLO, M. O processo de alfabetização e as diversidades cognitivas das crianças. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

LERNER, R. M. A criança e o desenvolvimento: um enfoque educacional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, M. A. O impacto da estrutura familiar no desempenho escolar dos alunos. Rio de Janeiro: Educa, 2013.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. de A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J.; THEÓPHILO, C. Pesquisa qualitativa em administração. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, M. do C. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 30. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Alfabetização e letramento. Construir Notícias, Recife, PE, v. 07, n. 37, p. 5-29, nov./dez. 2007. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/alfabetizacao-e-letramento-o-que-sao-como-se-relacionam-como-alfabetizar-letrando/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MORAIS, A. G. de. Consciência fonológica e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAIS, A. G. de. Consciência fonológica: bases para a alfabetização. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAIS, A. G. de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma educação inovadora. São Paulo: Penso, 2013.

MORTATTI, M. L. História dos Métodos de Alfabetização no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

NUNES, R. Motivação e aprendizado na alfabetização: desafios e soluções práticas. Porto Alegre: Artmed, 2017.

PARO, V. H. Educação, família e escola: uma relação necessária. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

PIMENTEL, M. L. Tecnologia e alfabetização: como o uso das mídias digitais impacta a aprendizagem de crianças. Campinas: Papirus, 2015.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, M. B. A formação do professor para a alfabetização. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. B. Alfabetização: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SOARES, M. B. Alfabetização: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SILVA, M. L. de S. Ambiente escolar e suas influências no processo de aprendizagem. São Paulo: Editora Educação, 2008.

SILVA, A.; PIMENTEL, M. L. Desafios no ensino básico: formação de professores e recursos pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2014.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. La Psicogénesis de la Lectura y la Escritura. Buenos Aires: Kapelusz, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Fatores e Desafios da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Pesquisadora responsável: Prof. Ma. Dalva De Oliveira Lima Braga

Instituição/Departamento: Universidade Estadual do Piauí- Coordenação de Pedagogia

Telefone para contato: (86) 99947-8703

Pesquisadora participante: João Lucas De Sousa Dos Santos

Telefone para contato: (86) 99451-3410

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Antes de concordar e participar, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Caso tenha dúvidas, o(a) pesquisador(a) estará disponível para esclarecê-las. Você tem o direito de desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento, sem sofrer penalidades ou perder quaisquer benefícios aos quais tenha direito.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os fatores e desafios da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, você está sendo convidado(a) a responder a um questionário composto por perguntas abertas relacionadas às práticas pedagógicas no processo de alfabetização, aos fatores que influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e aos desafios presentes no processo de alfabetização.

O questionário possui duas páginas e o preenchimento levará aproximadamente 30 minutos. A participação neste estudo não apresenta riscos físicos ou psicológicos a você. A guarda das informações será de responsabilidade exclusiva do(a) pesquisador(a), que se compromete a utilizá-las somente para os fins previstos nesta pesquisa. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida. Em nenhuma circunstância os participantes serão identificados, mesmo na eventual divulgação dos resultados do estudo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

APÊNDICE B

**QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS DO 1º, 2º, 3º E 5º ANO DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

1- Na rotina de sua prática pedagógica, em que momento você propõe atividades de leitura?

2- Quais metodologias você utiliza com mais frequência para desenvolver as habilidades de leitura e escrita?

3- Que materiais de apoio você utiliza em sala de aula para promover a alfabetização?

4- Com que frequência você utiliza atividades específicas de leitura e escrita em sala de aula?

5- Você considera que o tempo destinado às atividades de leitura e escrita na sua rotina é suficiente para desenvolver tais habilidades? Por quê?

6- Para você, quais os fatores mais influentes no processo de alfabetização dos alunos? Justifique.

7- Como você avalia o impacto da formação continuada (cursos, seminários, treinamentos) na sua prática pedagógica de alfabetização?

8- Em relação à diversidade de níveis de habilidade entre os alunos, como você lida com essa questão?

9- Quais os principais desafios que você enfrenta no processo de alfabetização dos alunos?

10- O que você considera que poderia ser feito para a superação desses desafios?
